

INAUGURAÇÃO SOLENE DA BIBLIOTECA
SALA ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA
EM 3 DE OUTUBRO DE 1923, COM A
HONROSA ASSISTÊNCIA DE SUA
EXCELÊNCIA O SENHOR PRESIDENTE DA
REPÚBLICA PORTUGUESA

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

BIBLIOTECA DA IMPRENSA NACIONAL

N.º 37

Est. 3 Sec. 8.ª

Prat. 1.ª Div. 2.ª Plano 1.º

Reg. de entrada: N.º (19)

1768 1923



EX LIBRIS
DA BIBLIOTECA DA
IMPRESA
NACIONAL
DE LISBOA



ALOCUÇÃO EM HONRA

de

Sua Excelência o Presidente da República

Doutor António José de Almeida

pelo

Director Geral da Imprensa Nacional de Lisboa

*Senhor Presidente da República!
Senhor Presidente do Ministério!
Senhor Embaixador!
Senhores Ministros!
Minhas Senhoras e meus Senhores!*

Antes pròpriamente de consagrar as indispensáveis palavras à cerimónia a que V. Ex.^a nos dá a honra de presidir, peço licença a V. Ex.^a para lhe dirigir não só as minhas mais respeitadas homenagens, que V. Ex.^a sabe serem sinceras, como as de todos os que trabalham nesta Casa, e cujo sentimento de admiração por V. Ex.^a julgo fielmente interpretar saudando em V. Ex.^a, ainda mais do que o Chefe de Estado ilustre que honrou notavelmente a República durante um agitado quadriénio da vida portuguesa, o Cidadão prestigioso que deixa a suprema magistratura do seu país aureolado de justa glória e engrandecido de virtude. Não é este decerto o momento para dizer de V. Ex.^a e da sua acção à frente da nau da República tudo quanto V. Ex.^a merece, e que a História, aliás nem sempre imparcial, lhe não poderá



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

regatear; mas supponho não infringir os limites protocolares nem tam pouco incorrer em louvaminha que mereça critica afirmando a V. Ex.^a que a hora presente, constituindo para a Imprensa Nacional de Lisboa — que inaugura de forma excepcionalmente brilhante a sua Bibliotheca — um legitimo motivo de orgulho e de desvanecimento, representa principalmente para mim um penhor mais de infinita gratidão. E, estabelecido isto a titulo de simples proémio, consinta V. Ex.^a e consintam os que me escutam que, à mingua de dotes que prendam uma assemblea tam selecta, eu fatigue apenas por minutos a atenção de todos com mais algumas breves e despreziosas palavras.

Senhor Presidente da República! A Bibliotheca da Imprensa Nacional de Lisboa, cuja sala de leitura se inaugura hoje, e que, pelos tempos fora, não só rememorarà como perpetuarà o nome de V. Ex.^a, marca, a meu ver, uma etapa gloriosa na vida da República, que todos desejamos cada vez mais ver amada e prestigiada. ¿Obedece todavia a algum ponto de vista pratico a sua inauguração sob a égide de V. Ex.^a? Afigura-se-me que ninguém de boa fé o poderá contestar. As espécies bibliográficas da Imprensa Nacional, algumas delas raras, muitas delas riquissimas, que há talvez vinte anos jaziam encaixotadas, por falta de uma iniciativa que lhes desse ar e luz, vão finalmente ser patenteadas ao exame e à leitura dos estudiosos, não só dos que porcentura aqui trabalhem e queiram ilustrar-se, como de quantos, sedentos de bons autores, se proponham honrar esta sala com a sua visita. Obra estulta? Sonho pretensioso? ¿Vaga e mesmo inútil aspiração, sobretudo depois da larga esfera de acção que a Bibliotheca Nacional de Lisboa muito louvavelmente tem desenvolvido? Seja como fôr, estou em crer que a nossa Bibliotheca alguns serviços vai prestar no derramamento de luz e de educação de que a sociedade portuguesa tanto carece, procurando ao mesmo tempo contribuir para chamar o operário, o trabalhador, ao convivio sempre grato e sempre proveitoso de novos conhecimentos, de mais vastos horizontes. Data de mais de um século a existência da Imprensa Nacional, mas remontam pelo menos a 1666 — não falando num incunábulo de 1479 e em obras estrangeiras — as mais antigas edições lusitanas existentes na nossa Bibliotheca, cabendo a Camões, divulgado hoje em todo o Mundo, essa precedência honrosa, que nos cabe reivindicar com orgulho. Quere dizer: nos muitos milhares de livros que esta sala encerra há cabedal de sobra para ilustrar a geração de hoje e as gerações vindouras, sem receio de que os que vierem aqui

não encontrem ensinamentos bastantes, por mais variada que seja a cultura dos seus espiritos. É notável a nossa *Camoneana*, padrão imorredouro da *Literatura Pátria*; são por igual notáveis as nossas colecções de clássicos, as nossas obras sobre grafia, os nossos dicionários, as nossas enciclopédias; enfim, tudo o que diz respeito às artes, às letras e às sciências filosóficas, jurídicas, médicas, matemáticas, económicas e sociais a *Biblioteca da Imprensa Nacional* reúne nas suas largas estantes. E os autores, quer os que se lêem já como apóstolos das maiores religiões, quer os que o tempo ainda não sagrou no altar máximo, disputam-se do mesmo passo a primazia: António Vieira, Bernardes, António Caetano de Sousa, D. Luis de Meneses, Antero, Bocage, Herculano, Rebêlo da Silva, Soriano, João de Barros e Diogo do Couto, Garrett, Filinto Elisio, Oliveira Martins, Nicolau To'entino, Junqueiro, Camilo, João de Deus, Gil Vicente, Inocência, Eça de Queiroz e Fialho, para não me reportar sendo aos Mortos de uma dinastia brilhante de escritores, ocupam os lugares de destaque das prateleiras e desafiam ainda os menos ávidos de leitura a folheá-los. ¿É nestas circunstâncias ousado profetizar um insucesso a esta iniciativa? V. Ex.^a, Senhor Presidente da República, o julgará; V. Ex.^{as}, que nos dão a honra de assistir a esta solenidade, o dirão. Por mim repito: esta obra, que teve uma cooperação valiosa a assegurá-la, visa um ideal. Esse ideal há-de cumprir-se, há-de honrar-se — e é nóbre! Os nossos ciclones políticos, por mais devastadores que sejam, não terão poder para arrasar este templo de paz!

Senhor Presidente da República! Resta-me pedir a V. Ex.^a vénia para apresentar a razão por que esta sala surge no seu início com o nome de António José de Almeida. Quando tive a honra de tal propor a S. Ex.^a o Ministro do Interior, por cuja pasta correm os assuntos da Imprensa Nacional, não cabia em mim o menor propósito de excitar a simpatia de V. Ex.^a — primeiro porque a honraria era demasiado pequena para V. Ex.^a, depois porque estas homenagens só podem ser prestadas quando se fundamentam num acto de justiça, e em tais condições não há que recear sequer a torpeza dos que em tudo vêm lisonjas. O propósito que então não tinha menos o posso ter hoje: não é, afinal, a trinta e seis horas que separam V. Ex.^a de uma vida tranquila de simples cidadão, devotado ao seu lar, à sua Pátria e à República, que se deve procurar o melhor alicerce de uma estima ou de uma gratidão. Esta sala tem o nome de V. Ex.^a — simplesmente porque não devia ter outro. V. Ex.^a foi, como o exara a portaria que sancionou

a minha proposta, o primeiro Ministro da República a quem a Imprensa Nacional deveu os seus primeiros benefícios. Independentemente da sua acção como estadista, que dotou a República com as primeiras leis sobre ensino, as principais das quais ainda hoje, através do nosso clássico espirito de bota-abaixo, se mantêm, V. Ex.^a foi como Chefe de Estado o cidadão ilustre de quem todos nós recebemos um influxo extraordinário de justiça, de ordem, de equilibrio social, e que só uma Vontade digna do bronze poderia ter conseguido. São pois as excelsas virtudes de V. Ex.^a, principalmente as virtudes do Saber e da Honra, que em V. Ex.^a tam bem se harmonizam, que a Sala António José de Almeida pretendeu consagrar. Ela dirá sobretudo, no silêncio discreto que caracteriza as instituições desta ordem, que houve em Portugal, em pleno século de guerra e de lutas, de sôfregas ambições e de vaidades, um Homem que foi o maior tribuno da República, jornalista, Ministro, Chefe de Estado, que teve a ventura de ser amado e querido, de não deixar sequer um ódio ao abandonar a mais alta magistratura da sua terra, e que, tendo sabido merecer todas as homenagens, consentiu em aceitar esta, que nada vale—muito valendo entretanto para todos os que aqui trabalham!

Senhor Presidente da República! A Imprensa Nacional de Lisboa, profundamente comovida pelo eco que teve a sua iniciativa de hoje, agradece a V. Ex.^a a subidissima honra da sua presença nesta singela festa!





DISCURSO

de

Sua Excelência o Presidente da República

Doutor António José de Almeida

EM RESPOSTA À ALOCUÇÃO

do

Director Geral da Imprensa Nacional de Lisboa

*Minhas Senhoras e Meus Senhores!
Senhor Director da Imprensa Nacional!*

Vejo-me embaraçado porque me encontro perante dois factos, que, sendo-me ambos isoladamente agradáveis, se entrecruzam numa espécie de acabrunhamento para o meu espirito pela ligação que V. Ex.^a, Senhor Director da Imprensa Nacional, quis estabelecer entre êles. V. Ex.^a faculta hoje, aqui, às solenidades de uma inauguração, a Biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa. É uma vasta sala que guarda nas suas estantes opulentos tesouros scientificos e literários. Quis V. Ex.^a dar-lhe o meu nome, o que, sendo injusto, por imerecido, não era ainda assim de molde a chocar-me em demasia. Ao sair da Presidência da República vou coberto destas deferências e distinções amigas dos meus compatriotas. Acabou-se: esta era mais uma.

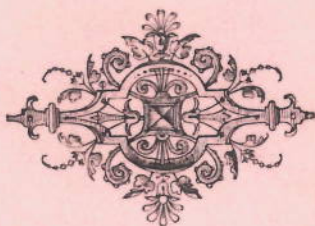
Mas V. Ex.^a, na sua eloqüente oração, descreveu-nos a traços largos a riqueza majestosa e venerável da sua Biblioteca, e eu,


homem de limitados esclarecimentos, mas amante dos bons livros, sobretudo quando, como a estes, a ancianidade cobre de respeito quasi religioso as suas páginas, tenho de fazer, nalgumas palavras sóbrias mas calorosas, justiça à obra do homem tenaz e inteligente que está à frente d'este estabelecimento do Estado, e que não quis limitar-se à técnica da sua profissão, às occupações burocráticas do seu cargo, ao cumprimento desvelado dos seus deveres officiais, que não quis, numa palavra, ser uma personagem eminentemente relatorial com o respeito protocolar de seus subordinados e a consideração sobranceira, embora paternal, dos seus superiores. E esta circunstância conturbar-me-ia singularmente. Estar eu a fazer o elogio de uma cousa que tem o meu nome é como que estar também um pouco, embora em mínima parcela, a louvar-me a mim próprio, podendo imaginar-se que eu, alguma vez, supus que o meu nome, que é afinal o nome de um modesto patriota da escola tradicionalista, se julgasse merecedor de cobrir como um simbolo ou como uma mera designação a sala onde, entre outros, repousam, esfarelado-se de velhos, mas vivos de uma vida secular, calma e luminosa, os livros de Camões e de António Caeetano de Sousa. Mas abstraíam V. Ex.^{as}, por um momento, desta circunstância, e deixem-me à vontade. Que ao menos, por um momento, esta sala não tenha nome! Que ela seja apenas a pira sagrada, anónima mas gloriosa, onde arde e fulge a alma dos ancestrais do pensamento! Que as chamas que, latentes, se encontram nestas estantes, dentro de velhas capas carcomidas, como os involucros veneráveis que revestem as múmias do Egipto a que se attribui ainda uma alma, sejam por nós celebradas como o lampejo eterno da Idea, única regeneradora dos povos e propulsora da civilização!

O Sr. Luis Derouet teve uma idea feliz instituindo esta Biblioteca e todos os louvores por isso lhe são devidos. Ele, que é um democrata, lembrou-se do Poro representado pelos seus operários, que aqui virão estudar as cousas que convém saber, e os quais eu quero saudar, com especial carinho, neste momento. Homem dotado de um formoso talento, com modalidades interessantes e diversas, o Sr. Luis Derouet não esqueceu ao mesmo tempo os homens cultos que precisam de estar em contacto com os antepassados que, no seu túmulo, vivem a vida longinqua dos imortais. O Sr. Luis Derouet é dado a estas cousas que vincam o carácter da nossa história e marcam as épocas mais belas da nossa Pátria. Ainda há pouco publicou um livro notável, intitulado Duas Pátrias, onde o seu engenho de jornalista e o seu fervor de patriota levantaram


um monumento perdurável à união de Portugal e Brasil. A página de História que o Sr. Luís Derouet escreveu nesse livro, que ostenta inéditas perfeições de variada contextura literária, terá de futuro, daqui a séculos, também um lugar de eleição nalguma sala como esta, onde o homem que a organizar prestará culto ao sentimento largamente nacional e humano que, durante dez dias, fez vibrar em unísono as almas de duas grandes Nações.

Sr. Luís Derouet! Felicito-o calorosamente pela obra magnífica que com tanto carinho realizou. Igualmente felicito todos os seus colaboradores desta casa. V. Ex.^a conseguiu meter aqui dentro, nalguns raríssimos volumes, séculos da nossa História, o que equivale a dizer verdadeiros pedaços do Universo Moral. Facultou-nos uma riqueza incalculável. Deu-nos uma fortuna. Aceite os meus agradecimentos em nome da Nação e peço-lhe que perante si próprio justifique a circunstância de pôr o meu nome a esta sala com um facto apenas—o facto afortunado de ter sido eu que, logo no alvorecer da República, o nomeei director da Imprensa Nacional de Lisboa, que a sua ilustre direcção tanto tem feito prosperar.





IMPrensa NACIONAL DE LISBOA



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



Imprensa Nacional de Lisboa

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO